



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

https://mundoalfal.org/es/pt_cuaderno12-2

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2020 by Asociación de Lingüística y Filología de América Latina. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

MUDANÇA SINTÁTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

SYNTACTIC CHANGE IN BRAZILIAN PORTUGUESE

CHARLOTTE GALVES
Universidade de Campinas
galvesc@unicamp.br

O objetivo deste artigo é delinear os progressos recentes no estudo das mudanças sintáticas acontecidas na língua portuguesa no Brasil. Mostra-se que foram produzidos resultados importantes graças à construção de uma base empírica densa e diversificada de documentos oriundos de diversas partes do país, permitindo descrever as diferentes dinâmicas de mudança que afetam vários fenômenos morfossintáticos nos séculos XIX a XXI. Na sequência de numerosos trabalhos sincrônicos sobre o português brasileiro, discute-se uma análise dessas mudanças no âmbito da teoria paramétrica. Integra-se a questão do contato, em particular com as línguas africanas, muito tempo ausente do estudo formal da mudança linguística afetando o português no Brasil. Enfim, enfatiza-se a necessidade de recuar no tempo, concluindo com breves observações sobre a dificuldade de detectar as mudanças na escrita de tempos mais remotos.

Palavras-chave: mudança sintática, português brasileiro, mudança paramétrica, contato linguístico

The aim of this paper is to outline the recent progresses in the study of the syntactic changes undergone by Portuguese in Brazil. It is shown that important results are due to the elaboration of an important empirical basis of documents from several parts of the country, which made possible the description of the different dynamics of change that affected several morpho-syntactic phenomena from the 19th to the 21th centuries. Based on a great number of synchronic studies on Brazilian Portuguese, a parametric view of such changes is discussed. The effect of the linguistic contact with African languages, which was for a long time left apart from formal studies of syntactic change in Brazil, is brought into the discussion. Finally, the necessity to go back in time is emphasized, concluding with brief considerations on the difficulty to detect changes in written records of more remote times.

Keywords: syntactic change, Brazilian Portuguese, parametric change, linguistic contact

Recibido: 11 agosto 2020

Aceptado: 15 octubre 2020

¹ A pesquisa em que se baseia este texto foi parcialmente financiada pelo CNPq (Processos 313531/2018-8 e 436209/20187)

1. INTRODUÇÃO

A evolução sintática do português no Brasil tem recebido nos últimos anos uma atenção particular, baseada na produção considerável, por meio de projetos coletivos regionais e nacionais, de documentos diversificados como cartas pessoais, artigos e anúncios de jornais, peças de teatro, e todo tipo de documentos administrativos e jurídicos. O século XIX foi particularmente vasculhado, o que permitiu dar mais precisão ao que expressava o título do famoso artigo de Fernando Tarallo “Turning Different at the Turn of the Century: 19th Century Brazilian Portuguese” (1996). Os estudos também enveredaram pelo século XX, evidenciando a importância desse século na consolidação do português brasileiro. Enfim, sabemos mais também, hoje em dia, sobre a natureza da língua que veio à terra de Santa Cruz. Graças a esse empreendimento coletivo, as dinâmicas de mudança se tornaram mais precisas, e as análises mais empiricamente fundadas. Podemos dizer que os estudos em sintaxe diacrônica entraram no Brasil numa idade de ouro.

Este artigo tem como propósito delinear os grandes avanços no conhecimento e na compreensão dessa história, bem como apontar para as zonas a serem ainda exploradas. Sua organização é a seguinte: a seção 2 apresenta o estado da arte em relação à diacronia do português brasileiro, de um ponto de vista descritivo, apresentando primeiro o que sabemos sobre a “língua das caravelas”, e na sequência os resultados das pesquisas sobre os séculos XIX, XX, e por fim XVII e XVIII, ainda muito desconhecidos. Na seção 3, são apresentadas e problematizadas análises das mudanças observadas em termos da teoria chomskyana de parâmetros de variação. A seção 4 discute o papel do contato na emergência da vertente brasileira da língua portuguesa e sua relação com a mudança paramétrica. A seção 5 conclui o artigo, sintetizando os avanços e abrindo para novos caminhos.

2. A DIACRONIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O ESTADO DA ARTE

2.1. A língua das caravelas

A indagação de Ivo Castro “há que determinar que tipo de português veio nas caravelas” (Castro 1994:138), reformulada por Ilza Ribeiro em termos gerativistas: “a mudança sintática do português brasileiro é mudança em relação a que gramática?” (Ribeiro 1998: 101), é a primeira pergunta à qual convém trazer elementos de resposta. Em vários trabalhos baseados no *Corpus Tycho Brahe*² foram se delineando as características sintáticas principais da língua que aparece em textos escritos por autores portugueses nascidos nos séculos XVI e XVII, primeiro período da implantação da língua portuguesa no Brasil³. Trata-se de uma língua de sujeito nulo consistente, de configuração V2⁴ marcada por uma grande liberdade na ordem dos constituintes

² www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho.

³ Veja-se, entre muitos outros, (Paixão de Sousa 2004; Galves, Brito e Paixão de Sousa 2005, Antonelli 2011, Galves e Paixão de Sousa 2017, Galves e Gibrail 2018, Galves 2020).

⁴ Chamam-se línguas V2 àquelas que, obrigatoriamente ou muito preferencialmente, exibem o verbo em segunda posição nas orações matrizes, sendo que a posição pré-verbal não está reservada ao sujeito mas pode ser preenchida por qualquer sintagma, deslocado a partir de uma posição interna à oração por razões discursivas (para uma revisão recente desse conceito, cf. Holmberg 2015). As línguas prototipicamente V2 são as línguas germânicas modernas, excetuando-se o inglês. As línguas românicas antigas apresentam uma versão “flexível” da sintaxe V2 (Wolfe 2019).

da oração e uma frequência alta de posposição do sujeito (VS) e, enfim, fortemente proclítica⁵. No sintagma nominal, observa-se uma tendência menor do que no português europeu contemporâneo em realizar lexicalmente o determinante (Floripi 2008; Macedo Costa 2016; Schmitt e Galves 2016).

Na mudança para o português europeu moderno, que os trabalhos citados acima mostram se dar de maneira clara a partir da primeira geração de autores nascidos no século XVIII, essas características têm um curso variável. O sujeito nulo continua consistente, apesar de um ligeiro aumento na frequência de sujeitos pronominais (Carpani 2010). O desmoronamento da sintaxe V2 se traduz por uma forte e abrupta diminuição da ordem VS nas sentenças declarativas, que se mantém quase exclusivamente na chamada inversão românica, ou seja, com os verbos e as construções inacusativas, bem como em construções de tipo VOS. Ao mesmo tempo, a colocação enclítica dos pronomes vai se afirmando mais gradativamente, chegando nos autores nascidos na primeira metade do século XIX perto da ênclise categórica característica do português europeu contemporâneo. A figura 1 mostra a dinâmica da posposição do sujeito e da colocação enclítica dos pronomes em autores portugueses nascidos nos séculos XVI a XIX.

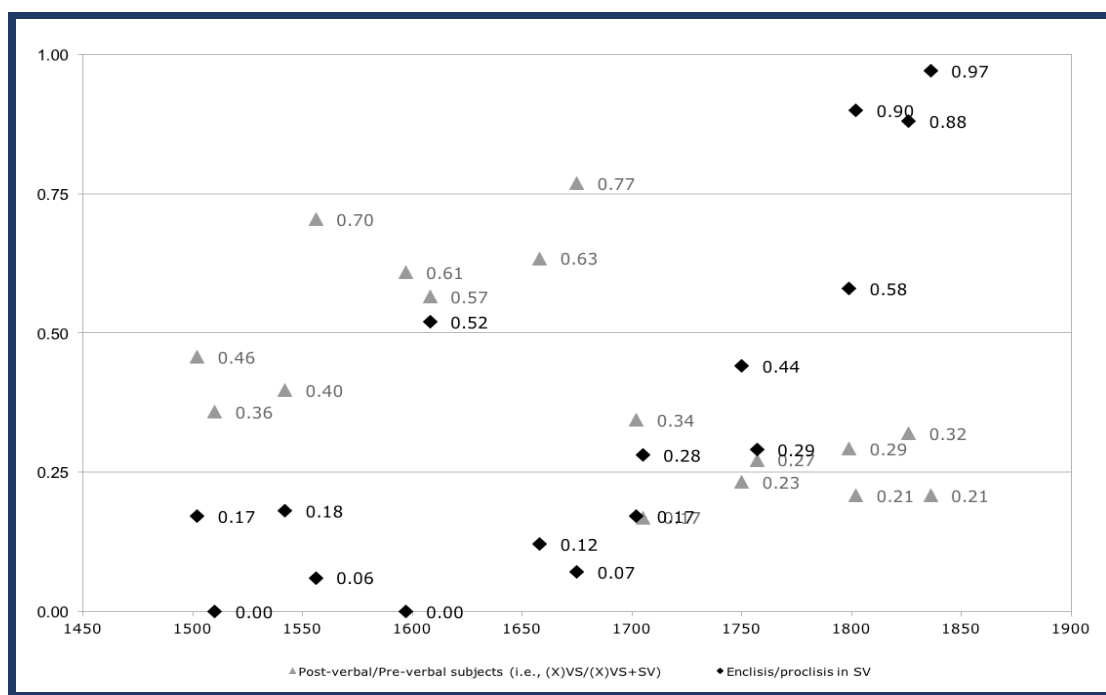


Figura 1: A evolução da ordem VS e da ênclise do século XVI ao século XIX
Fonte: Galves e Paixão de Sousa (2017)

Nessa figura vemos a abrupta queda da ordem VS (triângulos) na virada do século 18, contemporânea do início do gradual aumento da ênclise em sentenças SV, marcando conjuntamente a mudança gramatical da qual o português europeu contemporâneo é oriundo.

⁵ A colocação proclítica é aquela em que o pronome clítico aparece antes do verbo, por oposição à colocação enclítica, em que o pronome é afixado à direita do verbo.

A língua das caravelas não é, portanto, o português europeu moderno, cuja data de nascimento é posterior à sua chegada ao Brasil. Não convém, porém, recuar tanto no tempo a ponto de aceitar a hipótese, defendida por Célia Castilho (2013), de que a base do português que se desenvolve no Brasil seria o português quatrocentista, muito marcado ainda por traços do galego-português. Os textos escritos pelos contemporâneos dos primeiros povoadores do Brasil, na segunda metade do século 16, são claramente despidos desses traços⁶. Desse ponto de vista, a hipótese sobre uma origem mais arcaica do português trazido ao Brasil só poderia se assentar sobre a afirmação de que grande parte dos imigrantes vinham do norte do país onde traços próximos do português antigo ainda eram bem vivos no século 16. Ivo Castro, em conferência recente⁷, declarou fundada essa asserção, mas ponderou que traços sentidos como muito regionais seriam rapidamente obliterados pelo fenômeno de “koineização”, e que não devem ter se mantido na disseminação do português no Brasil.

O português das caravelas seria assim o que na periodização tradicional corresponde ao português clássico, ou seja, aquele que aparece nos textos nos séculos XVI e XVII. Porém, alguns autores põem em dúvida que essa variedade histórica do português corresponda a uma língua coloquial, argumentando que seria somente uma língua escrita, ou falada pelas classes dominantes, distante da fala popular da época. Ana Maria Martins afirma assim a respeito da colocação proclítica típica do português clássico^{8,9}:

A gramática “proclítica”, a que poderíamos chamar “pan-ibérica”, era a das classes social e culturalmente dominantes (tipicamente, alfabetizadas e produtoras de escrita), a gramática mais especificamente portuguesa era a das classes populares (tipicamente, não alfabetizadas e com acesso muito limitado à produção escrita). São factores sócio-culturais os que determinam que no português quinhentista (e também quatrocentista e seiscentista) seja extremamente reduzida a visibilidade da gramática em que a ênclise se terá mantido essencialmente estável ao longo do tempo.

(Martins 2011:86)

Alguma evidência a favor da realidade do português clássico como língua mais amplamente implantada na população nos vem do *Corpus Post Scriptum*¹⁰, construído no âmbito de um grande projeto europeu sobre “a escrita ordinária” em Portugal e na Espanha. Pesquisas preliminares sobre a ordem nas cartas familiares reunidas nesse corpus (Galves 2019b) mostram

⁶ Note-se que do ponto de vista sintático, as diferenças entre galego-português e português clássico são muito menos espetaculares do que as diferenças morfológicas. Elas afetam essencialmente a periferia esquerda das orações encaixadas, cf. Medeiros (2018).

⁷ Abralin ao vivo, 06/2020.

⁸ Para uma refutação dos argumentos da autora baseados na análise das personagens populares das peças de Gil Vicente, v. Galves (2015).

⁹ Interessante a esse respeito mencionar o seguinte trecho de *Estrutura e História da língua portuguesa*, de Mattoso Câmara, 1975: 21: “É costume ainda considerar, secundariamente, um período clássico, para os séculos 16 e 17, e outro pós-clássico, para os séculos subsequentes. Tal divisão é especialmente adequada ao estilo na língua literária: aí, no português clássico, é sensível uma disciplina sintática calcada no latim literário, com a estruturação de uma elaborada e complexa hipotaxe, enquanto a partir do século 18 essa disciplina se quebra e a frase escrita se pauta por períodos mais curtos, sintaticamente soltos, sob a influência do francês escrito. Mesmo, entretanto, do ponto de vista do português oral comum, ou língua nacional em sentido amplo, há diferenças gramaticais nítidas entre os séculos 16 e 17 de um lado, e de outro lado, os séculos subsequentes. Tudo indica, até, que a fonologia em que assenta a pronúncia padrão do português europeu atualmente, é posterior ao século 17.”

¹⁰ Corpus elaborado no Centro de linguística da Universidade de Lisboa sob a coordenação de Rita Marquilhas. Cf. <http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/662-p-s-post-scriptum>.

uma sintaxe de tipo V2 muito próxima do que se observa no *Corpus Tycho Brahe*, como mostra a comparação da Figura 2 com a Figura 3.

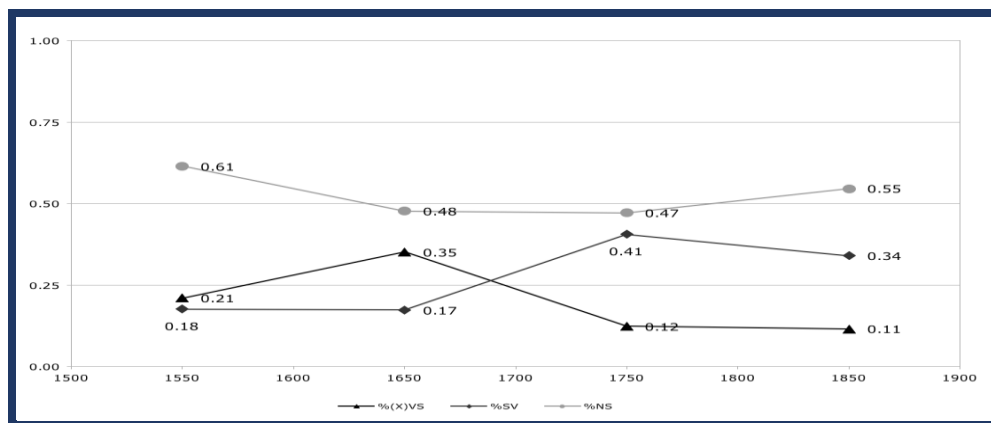


Figura 2: A evolução de SV, VS e sujeito nulo no Corpus Tycho Brahe
Fonte: Galves e Paixão de Sousa (2017)

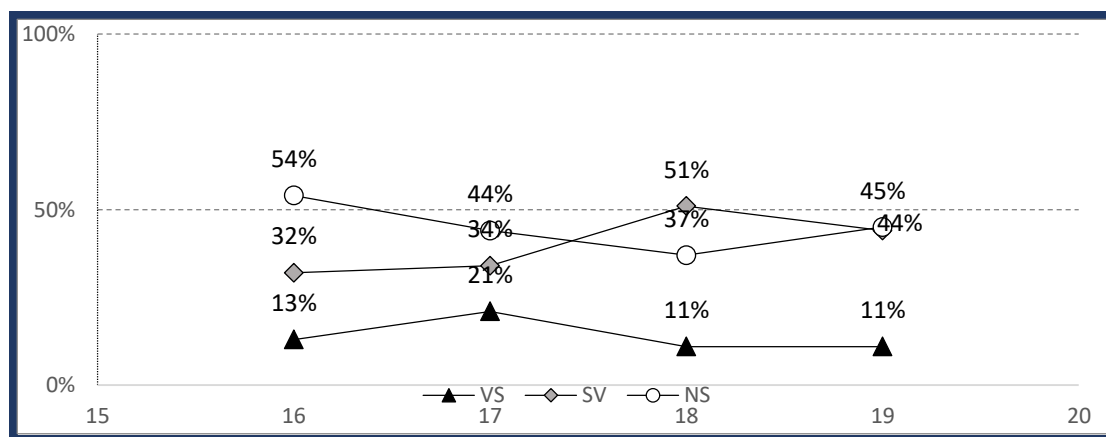


Figura 3: A evolução de SV, VS e sujeito nulo no Corpus Post-Scriptum.
Fonte: Galves (2019a)

A comparação da Figura 2 com a Figura 3 no que diz respeito aos dois primeiros séculos mostra valores diferentes associados a cada forma, em particular no que tange a SV, bem mais frequente nas cartas do *Corpus Post-Scriptum* do que nos textos do *Corpus Tycho Brahe*, o que poderia ser considerado como a evidência de que instanciam uma gramática diferente. Contudo, antes de tirar conclusões nesse sentido, é preciso levar em consideração o fato de que a passagem do século XVII para o XVIII evidencia o mesmo aumento da ordem SV do que aquele observado no *Corpus Tycho Brahe*, mostrando um salto qualitativo fortemente sugestivo da ocorrência de uma mudança gramatical. Não se deve esquecer, aliás, que SV é uma ordem natural em línguas V2, onde ela deriva de condições discursivas. Outra semelhança encontra-se no aumento de VS no século XVII. É interessante notar que, em ambos corpora, esse aumento não afeta a ordem SV, que se mantém nos mesmos níveis. É a frequência do sujeito nulo que diminui sensivelmente nos dois corpora nessa época (respectivamente 61% para 48%, e 54%

para 44%). Em conclusão, o que aproxima os dois corpora não são os valores absolutos em cada século, mas a dinâmica ao longo do tempo, o que nos permite sustentar a hipótese que as propriedades gramaticais subjacentes, e sua evolução, são as mesmas.

Grande liberdade na ordem, sensibilidade ao discurso, diferenças entre autores, o uso de uma língua de tipo V2 produz efeitos sintáticos bastante variáveis. Veremos que é essa gramática que encontramos nos escritos mais antigos estudados no Brasil, no período colonial. A prosa oitocentista brasileira ainda porta, aliás, mais vestígios dessa gramática do que a portuguesa.

2.2. O português brasileiro no século XIX

O século XIX é de longe o mais estudado da história do português brasileiro (doravante PB). Com base nas diferenças claramente observadas entre as variantes europeias e brasileiras modernas, cujas análises foram se refinando ao longo dos anos, os fenômenos mais focados pelas análises diacrônicas, em diálogo com as análises sincrônicas, são os que apresento a seguir nas suas grandes linhas.

2.2.1. A queda do sujeito nulo

Assunto emblemático da teoria de parâmetros (*cf.* Seção 3), associado ao enfraquecimento do sistema flexional, o sujeito nulo foi um dos primeiros assuntos da literatura sobre a mudança sintática, com base em trabalhos sincrônicos que, na literatura mais recente, concordam em ver no PB uma língua de sujeito nulo “parcial”, dependente de ligação por um antecedente em posição A ou A-barrado (Figueiredo Silva 1996, Modesto 2000, Rodrigues 2002, Ferreira 2009). Isso significa que restrições contextuais atuam sobre a sua ocorrência, o que torna sua frequência geral mais reduzida e seu desaparecimento por completo em certos contextos sintáticos. Nos últimos anos, graças à construção de grandes corpora, tornou-se possível estudar a dinâmica do uso do sujeito nulo em textos oitocentistas de vários gêneros e procedências: jornais mineiros (Gravina 2008), peças de teatro cariocas (Duarte *et al.* 2012), bem como jornais e cartas de leitores de várias regiões do Brasil (Duarte 2018). Nos primeiros, Gravina (2008) acha uma nítida queda da frequência do sujeito nulo na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX¹¹, como se vê no gráfico abaixo.

¹¹ O Recreador mineiro é publicado na primeira metade do século XIX, o Jornal Mineiro na segunda, e a Tribuna de Ouro Preto na primeira metade do século XX.

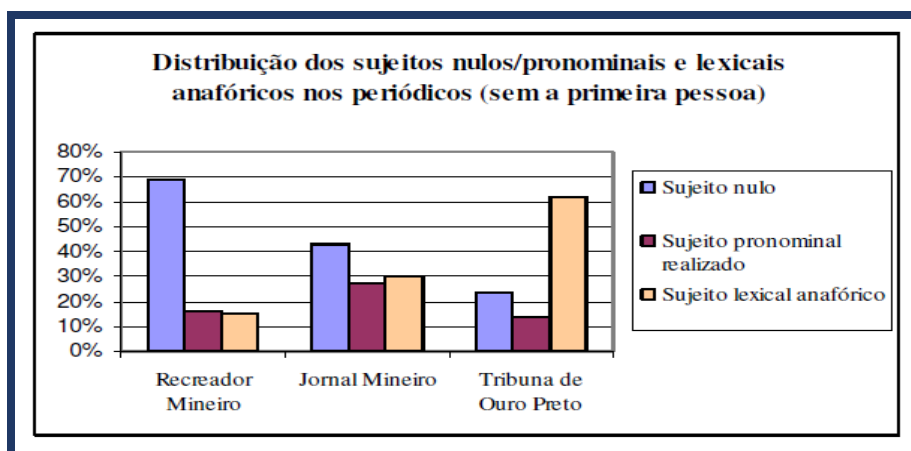


Figura 4: A evolução dos sujeitos nulos em jornais mineiros
Fonte: Gravina (2008)

Nas cartas de leitores estudadas por Duarte (2018), a inflexão é mais tardia, já no século XX. Porém, a divisão em contextos sintáticos realizada pela autora faz aparecer um nítido decréscimo, já na segunda metade do século XIX, para os contextos em que a relação entre o sujeito nulo e seu antecedente é menos local. Nos contextos em que o antecedente do pronome está longe, ou seja, nem na oração principal nem na sentença anterior, observa-se uma queda na frequência de 75 para 52%. Uma diminuição, ainda que menor, observa-se também quando o antecedente se encontra na oração anterior, mas não ocupa a função de sujeito. Isso aponta, já nessa época para um sujeito nulo diferente, mais dependente da sua relação com um antecedente.

No estudo de Duarte *et al.* (2012) sobre as peças de teatro, a tendência demora mais para se afirmar. Isso pode ser o reflexo de um fato observado em relação à dinâmica de vários fenômenos: os textos do século XIX escritos no Rio de Janeiro e em São Paulo são mais conservadores que aqueles produzidos no Nordeste¹², e também, possivelmente em Minas Gerais¹³, donde são originários os dados de jornais da Figura 4. Isso se verifica também na progressão do auxiliar “ter” em substituição a “haver” para a expressão da existência (Avelar 2018), cujo uso pode ser relacionado com a interpretação indeterminada do sujeito nulo, característica notável das línguas de sujeito nulo parcial. “Ter” existencial, claramente explicitado pela presença do locativo precedendo o verbo, já existia na primeira metade do século XIX como se vê no exemplo de anúncios da Bahia datando de 1818 (Avelar 2018, ex. 108a).

1 “Na primeira Prença tem farinha de superior qualidade, vinda do Rio de Janeiro”
(Anúncios, Idade d’Ouro do Brazil/Bahia, 22/12/1818)

¹² Essa tendência, que eu já tinha notado no posfácio ao volume VI da série *Projeto para a História do Português Brasileiro* (Galves 2018a), foi recentemente confirmada por Marco Antonio Martins na sua conferência no Abralín ao vivo *cf.* <https://www.youtube.com/watch?v=2cW1HbeqJLw>.

¹³ Sincronicamente, muitos fenômenos aparecem em Minas Gerais que não são verificados, ou são muito marginais, em outras regiões do Brasil. Exemplos entre outros são o duplo objeto, observado por Scher (1996) na zona da Mata, ou a reduplicação clítica discutida na Seção 2.3. Infelizmente, não está disponível ainda, no âmbito do PHPB, um corpus diacrônico mineiro.

Exemplos do mesmo tipo só aparecem no final do 1879 em São Paulo, quando no Ceará, já aparece um claro exemplo de sujeito nulo indeterminado com o verbo “despachar”:

- 2 E finalmente avisa que na referida pharmacia despacha tudo com a maior promptidão e asseio e que avia se receitas a qualquer hora do dia ou da | noite. || Pharmacia Mattos. || 79 rua do commercio n. 79 || Baturité.

(O Cruzeiro, 18/11/1888, Ceará)

Em conclusão, o sujeito nulo parcial do PB desponta claramente nos textos do século XIX, com uma variação tanto de gênero (anúncios de jornais vs. cartas de leitores) quanto regional (nordeste vs. sudeste). Observa-se também em relação a esse fenômeno o efeito da norma lusitana que se exerce no Brasil império (Pagotto 2011), uma vez que o “ter” existencial vê sua frequência diminuir nos anúncios: de 36% para 17% na segunda metade do século (Avelar 2018), bem como nas peças de teatro, em contextos de proximidade entre o sujeito nulo e seu antecedente (Duarte *et al.* 2012). Isso cria efeitos inesperados nas curvas de mudança, que voltaremos a observar a respeito da evolução da colocação de clíticos.

2.2.2. A fixação da ordem SV

A fixação da ordem SV, ou seja, a diminuição da frequência da posposição do sujeito, tem que ser considerada de dois pontos de vista, correspondentes a duas fontes independentes para tal ordem, as chamadas inversão germânica, e inversão românica¹⁴. A primeira se relaciona com o fenômeno V2, e a segunda com o sujeito nulo. Os resultados do estudo variacionista de Berlinck (1988) considerando a dinâmica da ordem sujeito verbo do século XVIII ao XX podem ser interpretados como o efeito, por um lado, da perda da inversão germânica, ou seja do fenômeno V2, entre o século XVIII e o XIX e, por outro lado, do enfraquecimento da inversão românica, ou seja do sujeito nulo, entre os séculos XIX e XX. Além dos resultados quantitativos –42% VS em 175; 31% em 1850 e 21% em 1987 (Berlinck 1988: 220)–, a natureza do salto quantitativo do século XVIII para o XIX é esclarecida pela inversão dos fatores na ordem VS: o “status informacional do SN”, selecionado em primeiro lugar pelo programa Varbrul no primeiro, desaparece do segundo, onde o fator predominante passa a ser o “tipo de predicador”, que estava na quarta posição no século anterior (Berlinck 1988: 222). Entende-se assim que os estudos diacrônicos baseados no século XIX tenham enfatizado a questão da ordem na sua relação com o sujeito nulo (*cf.* entre outros Kato e Tarallo 2003; Gravina 2014). Berlinck e Coelho sintetizam assim a questão:

as mudanças gramaticais relacionadas à posição do DP sujeito são observadas notadamente a partir do século XIX e compreendem os seguintes processos: (i) enrijecimento gradativo da ordem SV; (ii) preferência por padrões com verbos em segunda posição, em oposição a padrões com verbos em primeira posição, terceira ou quarta posições; (iii) perda dos padrões de VS com verbos transitivos; (iv) perda dos padrões de inversão românica; e (v) estabilidade dos padrões de construção VS inacusativa, especialmente quando o DP sujeito é uma informação nova e quando há um sintagma locativo na posição pré-verbal.

(Berlinck e Coelho 2018: 339)

¹⁴ Berlinck (2000) considera três tipos de inversão: germânica, românica e inacusativa. Pode-se pensar que a terceira é a parte da segunda que se mantém em línguas de sujeito nulo parcial. É pelo menos o que se observa na história do português brasileiro.

A dinâmica da ordem SV ao longo da história do PB parece bem clara em todos os estudos que lhe foram consagrados¹⁵. Contudo, ela não escapa a um fenômeno que veremos mais em detalhes na próxima seção, a respeito da colocação de clíticos: a instauração, na segunda metade do século, com efeito ainda no início do século XX, de um padrão culto profundamente calcado na norma lusitana. No que diz respeito à ordem sujeito verbo, isso envolve o recrudescimento da ordem VS, em todas as suas manifestações, visível nos textos mais diretamente afetados pela norma, como nas Atas da Escola Normal de São Paulo entre 1900 e 1920 (Ribeiro 2015).

2.2.3. A mudança na colocação e posição dos clíticos

Ao longo do século XIX, o português brasileiro se distancia do português clássico, em vários pontos. Primeiro, a próclise ao verbo em início absoluto de sentença aparece nos textos mais próximos da oralidade, como cartas pessoais, peças de teatro, anúncios de jornais, atas de reuniões¹⁶:

- 3 a brio a Seicaõ as/as 11 horas mandou fazer a chama/da na forma do Costume Se a chavom/prezentes 14// Senhores Socios.

(AJB, 1864 - Galves e Lobo 2019)

Segundo, surge uma nova posição para o pronome nos grupos verbais, em próclise ao verbo temático, com o correlato da perda do fenômeno conhecido como “subida de clítico”. O exemplo (5) mostra a existência da variação entre subida e não subida do clítico ao verbo aspectual:

- 4 Tendo a palavra o Senhor Severiano expois/os motivos pelos quaes havia se atrazado, tro/cando-se deversos apartes.

(FB, 1886 - Galves e Lobo 2019)

- 5 pedio palavra O Socio Narcizo/e disse eu vou me en formar Se Si pode bo-/tar o dinheiro no Banco do Governo.

(AJB, 1864 - Galves e Lobo 2019)

Enfim, na segunda metade do século verifica-se um aumento generalizado do uso da ênclise, que produz uma variação próclise/ênclise em todos os contextos sintáticos, em contraste com o padrão clássico em que tal variação estava circunscrita às orações declarativas matrizes (Pagotto 1992; Carneiro 2005; Carneiro e Galves 2010; Martins 2009, 2018; Galves e Lobo 2019). Esse aumento da ênclise, devido à influência da norma portuguesa da época (*cf.* Pagotto 2011) vem a refluir a partir do segundo quarto do século XX como mostrado pela figura 5, onde dois corpora distintos (quadrados e diamantes) mostram exatamente o mesmo aumento da colocação enclítica na segunda metade do século XIX, em construções em que o verbo está em segunda posição, de maneira exatamente paralela ao que tinha acontecido no português europeu (triângulos) a partir do século XVIII. Ambos evidenciam o refluxo dessa tendência no século XX.

¹⁵ Para um estudo mais recente na evolução do século XIX ao XX, em cartas familiares, *cf.* Cavalcante (2018).

¹⁶ Nos três exemplos a seguir, as iniciais correspondem ao nome do escrevente, e a data ao ano da ata.

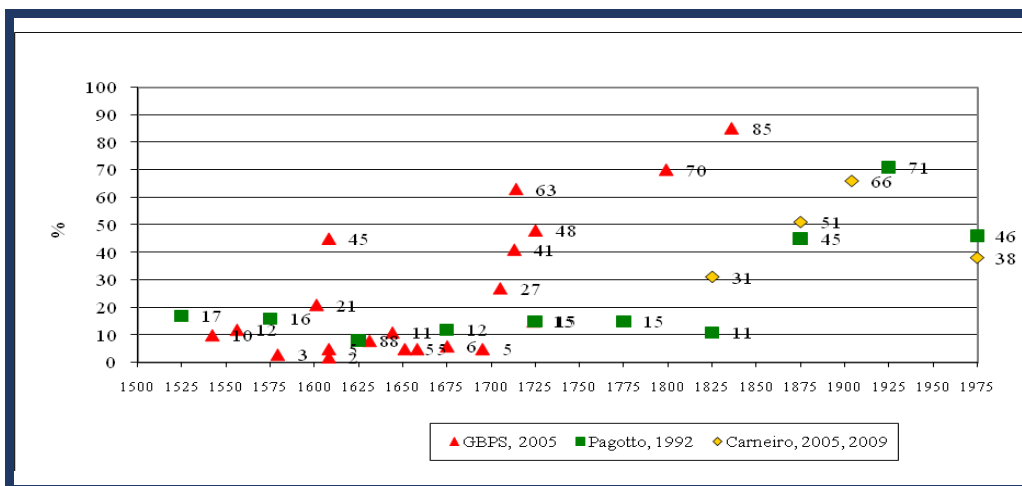


Figura 5: A evolução da ênclise em orações V2 não dependentes
Fonte: Carneiro e Galves (2010).

A figura 5 mostra um caso interessante de mudança “fracassada”, cuja origem nesse caso é bastante clara. A colocação de clíticos é um fenômeno saliente, do qual as pessoas têm consciência, e que se torna no Brasil do fim do império e da república, um ponto sensível da norma importada de Portugal, como bem ilustrado pela polémica entre Ruy Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro a respeito da redação do Código Civil (Pagotto 2011). O século XX, a partir da década de 20, propiciará uma volta da tendência natural da língua, ainda que lenta, uma vez que em 1975, um pronome clítico em dois ainda era enclítico em frases com o verbo em segunda posição.

É interessante notar que, no mesmo período, a segunda inovação do PB mencionada acima, a posição contígua do clítico ao verbo temático, em próclise, continuava sua evolução sem interrupção, ainda que lentamente, como mostra a figura seguinte.

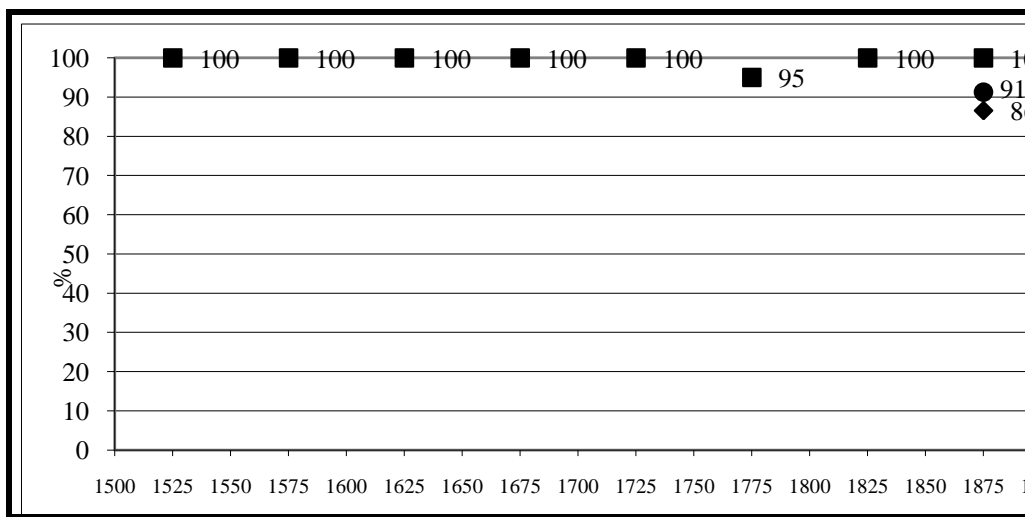


Figura 6: A evolução da afixação do clítico ao verbo temático em grupos verbais.
Fonte: Carneiro e Galves (2010)

A figura 6 mostra a evolução ao longo do tempo da posição do clítico junto ao verbo principal nos grupos verbais. Vê-se que a partir de 1875, a subida ao verbo flexionado começa a recuar no corpus de Carneiro (2005), com uma velocidade maior nos “semi-cultos” (diamantes), para se tornar minoritária no corpus de Pagotto (1992) na segunda metade do século XX. A comparação da figura 6 com a figura 5 mostra como forças opostas podem atuar no mesmo período, num mesmo domínio da gramática, nos mesmos escreventes. Por um lado, a força da norma se aplicando à colocação pronominal, e por outro lado, a inovação do português brasileiro expressa na posição do clítico junto ao verbo principal.

2.2.4. A queda do clítico objeto de 3ª pessoa e a emergência do objeto nulo

Como mostrado por vários trabalhos sincrônicos e diacrônicos, o sistema pronominal do português brasileiro também passou por uma reorganização importante em relação ao português europeu. Tarallo (1983) já mostra a diminuição drástica da frequência de pronomes em posição objeto, o que afeta particularmente o uso do pronome clítico de 3ª pessoa. O mesmo resultado se encontra em Cyrino (1993) em peças de teatro, e em Macedo Costa (2012) para jornais mineiros, como mostra a figura 7.

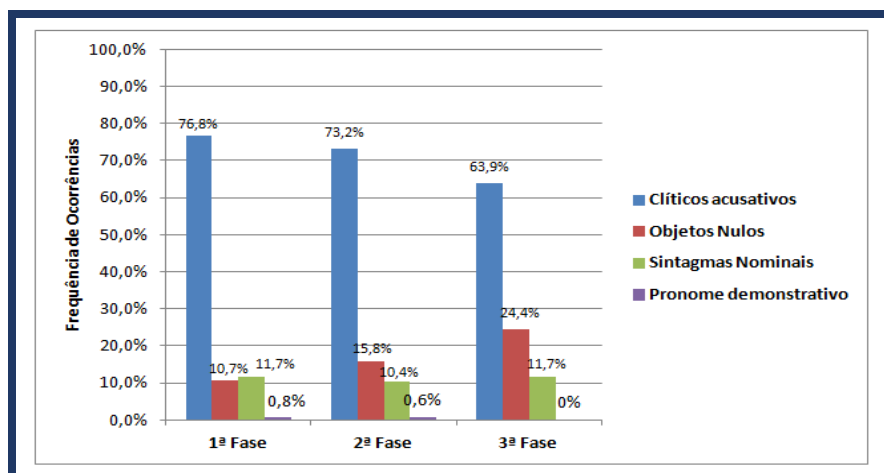


Figura 7: Evolução das estratégias de realização da posição de objeto direto anafórico em jornais baianos¹⁷.
Fonte: Macedo Costa (2012)

Na segunda metade do século XX, o objeto nulo se tornará a variante mais usada para a expressão de objetos anafóricos, chegando a mais de 70% de uso segundo o estudo de Duarte (1986). É interessante notar que, contrariamente ao que se observa para o sujeito nulo, as outras estratégias, como os sintagmas nominais anafóricos, não desempenham papel na mudança. Trata-se de um genuíno embate entre clítico e objeto nulo.

Convém notar também que o progressivo desaparecimento do pronome clítico de 3ª pessoa não tem paralelo nas primeiras e segundas pessoas, que se mantêm no sistema (*cf.* Cyrino 1993:175). Na seção 2.3, argumentarei que também sofreram uma reanálise.

¹⁷ Fase 1: 1833-1849; Fase 2: 1898-1900; Fase 3: 1945-1948.

2.3. O português brasileiro nos séculos XX e XXI

Na história do português no Brasil, o século XX tem um lugar de destaque tanto na implementação de fenômenos característicos da sintaxe brasileira já aparecidos em períodos anteriores, alguns deles obliterados pela pressão da norma lusitana no final do século XIX, quanto ao aparecimento de novos fenômenos, para os quais não se sabe ao certo se já estavam latentes na fala, mas invisíveis na escrita, ou se são genuínas inovações tardias.

É interessante, a esse respeito, retomar, na periodização do português brasileiro, as datas propostas por diversos autores para marcar o início do último período. Noll (2008) o situa, um tanto arbitrariamente, no meio do século XX. Já Pessoa (2003) o localiza mais precocemente, em 1922, tomando como ponto de referência a Semana de Arte Moderna. A depender do fenômeno, ambos têm razão. Vimos por exemplo na figura 5 que é a partir dos anos 20 que a curva da ênclise se inverte, mostrando uma reação contrária à imposição da norma portuguesa. Já a figura 8, que considera a frequência relativa dos sujeitos pronominais expressos, mostra que é a partir de meados do século (período V) que a tendência a preencher o sujeito se torna mais forte.

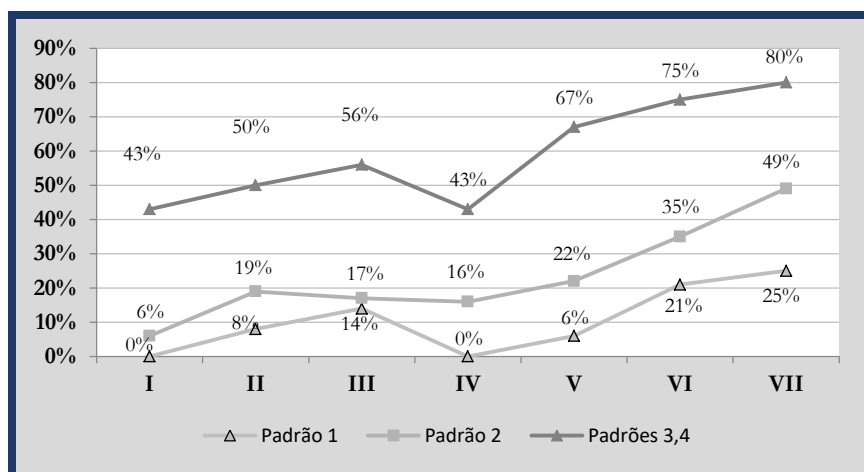


Figura 8: A evolução do sujeito nulo nos séculos XIX e XX¹⁸

Fonte: Duarte *et al.* (2012)

Aparecem outros fenômenos, ausentes dos atuais registros oitocentistas, numa dinâmica que se prolonga até a atualidade. Um deles é a variação “te”/“você” na posição de objeto direto que, como veremos, se relaciona com uma outra inovação do século XX, o redobro clítico.

- 6 a. Te acompanharei em muitas orações. (*carta 1920* - Souza 2014)
- b. Eu no sábado espero você. (*carta 1937* - Souza 2014)

¹⁸ São os seguintes os quatro padrões de ocorrência de sujeito nulo considerados por Duarte *et al.* (2012). O padrão 1 é aquele em que “o antecedente se encontra no mesmo período e é o sujeito da oração precedente (principal ou subordinada)”. No padrão 2, “o antecedente se encontra no período adjacente e tem a função de sujeito (8a) ou tópico estrutural/discursivo”. No padrão 3, “o antecedente é o sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente, ou seja, há uma ou mais orações intervenientes”. Enfim, no padrão 4, “O antecedente está na oração precedente/adjacente, mas tem função distinta da de sujeito”.

Em trabalhos anteriores (cf. Galves 2018b), discuto esse fenômeno e sua dinâmica atípica ao longo do tempo. A Tabela 1 mostra uma aparente implementação de mudança, consistindo na substituição progressiva do pronome clítico “te” pelo pronome tônico “você” em cartas pessoais escritas entre 1930 e 1960.

Período	<i>te</i>	<i>você</i>
1906-1930	132 - 97,1%	4 – 2,9%
1931 - 1955	123 - 93,9%	8 – 6,1%
1956 - 1980	38 - 69,1%	17- 30,9%

Tabela 1: A evolução de *te* vs. *você* em cartas do século XX
Fonte: Souza (2014: 138)

A evolução descrita na Tabela 1 se explica facilmente no contexto do enfraquecimento do sistema pronominal clítico, que se vê substituído no uso pelo paradigma tônico. Contudo, paradoxalmente, o pronome “te” reaparece no início do século XXI como primeira opção na expressão do objeto direto de 2ª pessoa, como se vê na Tabela 2, baseada em vários corpora orais.

	<i>você</i>	<i>te</i>	Outros Pronomes de 2P.	Fonte
Salvador (2007)	43-8%	247-46%	lhe: 251-46%	Almeida 2009: 128
Rio de Janeiro (Século 21)	16-13%	109-85%	tu: 3-2%	Pimienta 2013: 86
Filmes brasileiros (2000-2008)	31-16,7%	151-81,2%	lhe: 4-2,2%	Silva 2011: 37
Rio de Janeiro	22- 22%	77- 77%	1-1%	
São Paulo	8- 14%	48- 84,2%	1-1,8%	
Porto Alegre	1- 3,4%	26- 89,7%	2-6,9%	

Tabela 2. O uso de *te* e *você* no século XXI.
Fonte: Galves (2018b)

Segundo essa tabela, o uso do pronome clítico voltou claramente a dominar o pronome tônico no início dos anos 2000, sendo usado em torno de 80 % dos casos, menos em Salvador onde ele compete com o clítico “lhe”. Seria de novo o resultado de uma mudança fracassada? Há algumas razões de pensar que não é o caso. Se fosse, esperaríamos uma volta ao sistema conservador, com uma recrudescência da frequência dos clíticos, inclusive na 3ª pessoa. Não é o que acontece. As 1ª e 2ª pessoas continuam seguindo seu curso independente na língua. Além do mais, o fracasso do crescimento da ênclise descrito na seção anterior se explicava naturalmente pela força da implementação do vernáculo brasileiro que fazia reverter o peso da

norma lusitana. Aqui teríamos um movimento inverso, ou seja, uma competição de gramáticas entre forma conservadora e forma inovadora se resolvendo a favor da primeira. Ora, apesar da falta de estudos sobre a variação “te”/“você” na aquisição, uma observação assistemática leva a pensar que o pronome clítico de 2ª pessoa é adquirido precocemente pelas crianças, antes da escolarização, contrariamente o que acontece com o pronome clítico de 3ª pessoa, como mostrado por Correa (1991). Se não é competição de gramática o que produz os dados da Tabela 2, concluímos que se trata de uma variação estável. Segundo Wallenberg e Fruehwald (2013), isso só pode acontecer se houver uma especialização funcional das formas, ou seja, se o clítico e o pronome deixarem de ser funcionalmente equivalentes. Uma evidência de que isso aconteceu se encontra na emergência, registrada e discutida em vários trabalhos (*cf.* Diniz 2007; Machado Rocha 2011), da reduplicação clítica observada em enunciados do seguinte tipo:

- 7 Eles te_i irrita ocê_i.
8 Ele me_i arrastou eu_i.

(Diniz 2007: 49)

Apesar de nem todos os dialetos brasileiros evidenciarem claramente essa construção, podemos pensar que é uma chave para a compreensão da natureza do pronome clítico no PB. Com efeito, a ausência de preposição para introduzir o pronome tônico, agramatical em línguas como o espanhol, o romeno, e o próprio português europeu, aponta para a conclusão de que o pronome clítico não absorve o caso acusativo atribuído pelo verbo, ou seja não se comporta como argumento desse verbo. Com base nesse raciocínio, Machado Rocha (2011) argumenta que os pronomes clíticos de 1ª e 2ª pessoas foram reanalisados como marcas de concordância, codificando somente o traço [locutor/interlocutor]. A autora traz como evidência disso o fato de que não fazem distinção entre o caso dos pronomes com os quais estão associados, como se vê pelos seguintes exemplos em que o clítico reduplica respectivamente um objeto direto, um objeto indireto e um objeto preposicional:

- 9 a. Eu vou te_i levá ocê_i lá. (Acusativo)
b. Deixa eu te_i perguntar ocê_i um negócio. (Dativo)
c. Eu não vou te_i falar com você_i que... (Ablativo)

(Machado Rocha 2011: 124, exemplo 30)

Em Galves (2018b), sugiro uma evidência suplementar dessa reanálise, que afeta também os dialetos que aparentemente não licenciam essa construção. Trata-se da perda, no pronome clítico “te”, do traço de familiaridade associado aos pronomes “tu” e “você”. Isso faz com que possa ser usado em associação com formas de tratamento formais, com redobro ou em sentenças contíguas:

- 10 Eu te_i dou este livro para a Senhora_i.
11 O Senhor_i vem amanhã? Eu te_i espero aqui.

Se essa perda do traço de familiaridade é uma mudança associada à reanálise do pronome clítico, então temos razões de pensar que essa reanálise também se deu nos dialetos em que o redobro clítico não aparece, ou é menos visível. Desse ponto de vista, a posição objeto seria um objeto nulo, identificado pelos traços do clítico como remetendo ao interlocutor. Proponho

também (Galves 2018b) que a diferença entre os dialetos que têm o redobro e os que não têm não derivaria de uma diferença paramétrica (*cf.* Seção 3), mas de um maior ou menor peso da norma culta, uma vez que na ausência do redobro, as construções inovadoras com clíticos de 1^a e 2^a pessoas não apresentam diferença visível com as construções conservadoras. Ou seja, a reanálise não é visível.

Um argumento suplementar para essa hipótese pode ser finalmente achado na inovação brasileira em relação à posição dos pronomes, apresentada e discutida na Seção 2.2.3 acima. Se a função do clítico é essencialmente marcar os objetos diretos, indiretos e preposicionais dos verbos com os traços de locutor ou interlocutor, entende-se que isso tenha que se dar numa relação estritamente local com o verbo, o que explicaria a contiguidade do clítico com este, com a conseqüente ausência de movimento para o auxiliar ou para verbos principais em caso de verbos de reestruturação¹⁹. A se verificar essa hipótese, a reanálise do pronome teria raízes muito antigas, uma vez que na figura 6, já observamos um ponto fora da linha dos 100% de subida ao auxiliar em 1775.

É também no século XX que um outro aspecto da sintaxe envolvendo pronomes clíticos, a expressão do dativo, sofre uma mudança, que se dá em dois aspectos da gramática. Primeiro, o pronome “lhe” passa a referir essencialmente à segunda pessoa, sendo substituído por formas preposicionais para a 3^a pessoa. Torres Moraes e Berlinck (2018) observam que o uso clássico do pronome se mantém ao longo do século XIX em todos os gêneros de textos considerados (cartas pessoais, peças de teatro, cartas de leitores e anúncios em jornais), concluindo que “o processo que deu origem ao quadro atual deve ter se manifestado tardiamente” (Torres Moraes e Berlinck 2018: 267). E, de fato, é entre 1960 e 1990 que acontece, nas cartas de leitores e nos anúncios, uma queda de 90% para 49% no uso do pronome dativo. Em segundo lugar, a preposição “a” entra em desuso, sendo substituída pela preposição “para”. As autoras apontam para uma origem mais antiga, no final do século XIX, ponderando que “a escolha da preposição se vê associada a questões de norma e de (in)formalidade” (Torres Moraes e Berlinck 2018: 276).

Isso nos remete à questão do papel da norma em relação ao uso, que pode obliterar, nos textos escritos, o aparecimento de inovações já existentes na língua coloquial. É lícito pensar que a perda do clítico dativo “lhe” de 3^a pessoa faz parte do grande processo de reorganização do sistema pronominal, visível na diminuição do uso do pronome acusativo e sua progressiva substituição pelo objeto nulo ou pelos pronomes tônicos. Se esse processo se relaciona também com a mudança de posição dos clíticos, como sugeri acima, esperaríamos ver esses fenômenos aparecerem ao mesmo tempo nos documentos. Não é o que acontece, e uma possível razão para isso é que certos fenômenos são percebidos pelos falantes/escreventes como dotados de prestígio ou ao contrário como correspondendo a um nível depreciado de linguagem.

É necessário, portanto, ampliar e diversificar os corpora, tanto quanto ao gênero dos textos quanto à sua procedência regional. Além disso, o estudo de fases mais antigas, também com base em corpora diversificados, adquire uma importância dobrada.

2.4. O português brasileiro colonial

Evidências de que o português já tinha adquirido feições próprias no Brasil no século XVIII se dão em vários níveis. Por exemplo, do ponto de vista fonético, o gramático Frei Luís do

¹⁹ A afixação ao verbo pode ter sido favorecida também pelo fato que nas línguas bantus o objeto direto pronominal é um prefixo ao verbo. Sobre o efeito do contato, *cf.* Seção 4.

Monte Carmelo menciona em 1767 como um traço brasileiro a não distinção entre vogais pretônicas abertas como em “padeiro”, “pregar” (“fazer um sermão”), “còrar” e vogais pretônicas fechadas como em *cadeira*, *pregar* ‘colocar um prego’, *morar*. No nível morfossintático, várias das mudanças ocorridas nesse mesmo século em Portugal tiveram, a julgar pelas diferenças entre as variantes modernas, pouco ou nenhum efeito no PB. Uma delas é a mudança da perífrase “estar + gerúndio” para “estar+ a+ Infinitivo” que começa a aparecer nos textos do *Corpus Tycho Brahe* no século XVIII, e não afeta o PB. Outra é a generalização do artigo definido antes do pronome possessivo seguido de nome, que se observa também a partir desse século (Floripi 2008). Nesse caso, o PB moderno manteve a variação encontrada no português clássico.

Isso posto, ainda são poucos os estudos sobre a história do PB recorrendo a documentos anteriores ao século XIX. Além do mais, nos trabalhos que o fazem²⁰, pode se duvidar da real representatividade dos textos considerados. É possivelmente por isso que se pôde afirmar durante muito tempo que a mudança tinha se dado no século XIX, que não é senão quando a mudança aparece no tipo de textos considerados. A integração aos corpora de textos não literários ou não produzidos por pessoas letradas seguindo à risca o padrão escrito lusitano nos fará certamente revisar as nossas afirmações a respeito da dinâmica do português do Brasil. Por outro lado, graças aos trabalhos realizados com base no *Corpus Tycho Brahe* e no *Corpus Post Scriptum*, representativos da escrita portuguesa da época, será possível ter um ponto de comparação robusto com a evolução da língua em Portugal.

Primeiros resultados se encontram em Coroa (em andamento), que estuda cartas e atas da Câmara Municipal de Salvador escritas no período de 1638 a 1741, por escreventes nascidos entre 1580 e c.1720, cuja nacionalidade portuguesa ou brasileira foi controlada. Os indícios de que certas mudanças já aconteceram dizem respeito ao uso dos pronomes, em particular à colocação dos clíticos com a próclise em primeira posição absoluta presente até nos redatores portugueses, embora em menor frequência (cf. ex. 12, da autoria de um escrevente brasileiro nascido em 1602). Um outro aspecto merecendo atenção é o número diminuto de pronomes clíticos nos brasileiros, o que pode apontar para uma reestruturação precoce do sistema pronominal.

- 12 A nossa obrigação ao serviço de Vossa Alteza é a de procurar o bem comum desta República da Bahia. Nos leva por esta aos reais pés de Vossa Alteza a representar o prejuízo que se seguem de se irem fundando e fazendo pela terra dentro muitos engenhos de açúcares junto uns dos outros sem fundamento de terra bastante ao que demandam faltar lenhas para o seu gasto que é muito grande e as que se cortam não tornam a vir outras

(Pinheiro, 1602. Coroa, em andamento)

Quanto à realização do sujeito, os primeiros resultados mostram que o português escrito no período colonial tem uma alta frequência de sujeitos nulos, e apresenta uma sintaxe V2 muito robusta, com frequências de VS superiores às frequências de SV, o que contrasta com o que se observa no corpus *Post Scriptum* para os séculos XVI e XVII (cf. Tabela 3).

²⁰ Cf. Tarallo (1983), Berlinck (1988), Cyrino (1993), Pagotto (1992), Torres Moraes e Berlinck (2018) e as referências aí citadas, entre outros.

	VS	SV	Sujeito Nulo	TOTAL	
V1	65	-	131	196	21%
V2	168	106	343	617	64%
V>2	30	53	55	138	15%
Total	263 (27%)	159 (16%)	516 (54%)	951	100%

Tabela 3. A distribuição de V1, V2 e V>2 em sentenças matrizes em Cartas escritas por brasileiros nos séculos XVII y XVIII. Fonte: Coroa (em andamento)

Observamos, portanto, uma língua que se assemelha ao português clássico, com uma frequência de VS mais próxima dos textos literários do que das cartas familiares, o que se deve certamente à natureza dos documentos considerados (cartas ao Rei). Com o passar do tempo, porém, Coroa observa um aumento significativo de SV, que pode indicar um caminho de mudança no sentido da perda da gramática V2, seja seguindo os passos da metrópole, seja numa mudança própria. Isso ainda terá que ser averiguado.

3. A MUDANÇA PARAMÉTRICA

Uma tentativa de formular a história paramétrica do português se encontra em Galves e Kroch (2016), que propõem as seguintes mudanças na evolução das duas grandes vertentes do português a partir do português clássico.

	CIP	EP	BP
Movimento de V para C	sim	<i>não</i>	<i>não</i>
traços EPP em T dependentes de phi	sim	sim	<i>não</i>
T/Agr deficiente	<i>não</i>	no	<i>sim</i>
Traço obrigatório de caso nos DPs	sim	sim	<i>não</i>
Restrição contra clítico em primeira posição	sim: prosódico	sim: <i>morfossintático</i>	<i>não</i>

Tabela 4: A mudança paramétrica na história do português
Fonte: Adaptado de Galves e Kroch (2016: tabela 3)²¹

No que diz respeito ao PB, as mudanças paramétricas são:

- a a perda do movimento do verbo para C, ou seja, do fenômeno V2, que também acontece no PE.
- b a perda da dependência de *phi* do traço EPP em T;
- c o enfraquecimento de T/Agr;

²¹ Por não ser relevante na discussão, foi retirado da tabela o que diz respeito ao português antigo.

- d. a perda do traço de caso em DP;
- e. a perda da restrição contra o clítico em primeira posição.

Note-se em primeiro lugar que essa tabela evidencia a importância da mudança que afetou o português brasileiro na história da língua. Em relação ao português clássico, são cinco os parâmetros envolvidos, contra somente dois no português europeu²². Uma explicação para esse fato pode residir na importância do contato com línguas tipologicamente distintas. Isso será discutido na próxima seção.

Os parâmetros b. e d. foram propostos por Avelar e Galves (2011) para dar conta de uma inovação notável do PB, ilustrada em enunciados como (13)-(14)²³:

- 13 Essas ruas estão passando muito carro.
- 14 As minhas pernas racharam a pele.

Esses enunciados, em que verbo concorda com um sintagma nominal locativo ou genitivo, foram originalmente notados por Pontes (1987). Segundo ela, derivariam da natureza de “língua de tópico” do PB. Sentenças como (13) e (14) constituem uma das mais fortes razões de pensar que o português se afastou drasticamente do seu ancestral lusitano, uma vez que a concordância com locativos e genitivos é um fenômeno ausente das línguas românicas e, mais geralmente, das línguas indo-europeias. Avelar e Galves (2011) propõem dois parâmetros para dar conta da mudança subjacente. Primeiro, se baseiam no modelo de Chomsky (2001), em que os traços-phi da categoria Tempo (T) são herdados da categoria Complementador (Comp), e os chamados traços-EPP de T dependem da ação desses traços-phi para atrair um DP para o especificador de T²⁴. Seguindo uma proposta de Holmberg (2010) para línguas como o islandês, os autores argumentam que, no português brasileiro, os traços-EPP de T são independentes da ação dos traços-phi de C. Isso significa que, nessa língua, logo que T é projetado na estrutura, ele é capaz de atrair qualquer DP do sintagma verbal²⁵. Quando C é conectado à estrutura, os traços-phi transferidos por ele a T permitem que se estabeleça a concordância com o sintagma já alojado em Spec/TP, seja ele qual for. Essa “independência de phi” tem como efeito colateral a caracterização de Spec/TP como uma posição A-barra, o que desempenhará um papel importante na análise de outros fenômenos discutidos logo abaixo.

O segundo parâmetro concerne a falta aparente de caso para o sintagma pós-verbal. A parametrização do princípio de que todo sintagma nominal realizado lexicalmente deva receber um caso (Diercks 2012) permite derivar esse fato.

É importante notar que o enfraquecimento de T/Agr é dado nesse quadro, como mudança paramétrica independente (*cf.* Parâmetro c). A esse respeito, Galves e Kroch fazem o seguinte comentário:

²² Note-se também que Galves e Kroch (2016) não consideram a questão do dativo, que Torres Moraes e Berlinck (2018) analisam como derivando da perda do núcleo aplicativo.

²³ Uma abundante literatura se desenvolveu sobre essas construções a partir dos anos 2000. (*cf.* Andrade (2020))

²⁴ Os traços-phi são os traços flexionais associados a certas categorias funcionais, como pessoa, caso, número e gênero. O traço EPP, ou traço de borda, é o o traço associado às categorias funcionais que atrai sintagmas no seu especificador.

²⁵ Há, contudo, uma importante restrição ao movimento de locativos e genitivos: o verbo deve ser inacusativo ou seu argumento externo deve ser suprimido.

É até possível, embora essa investigação esteja além dos limites desse artigo, que alguns dos parâmetros que distinguem o português brasileiro do português europeu possam ser fundidos num só, via o enfraquecimento da marcação morfológica. Talvez seja mais provável que tal enfraquecimento, devido ao contato linguístico, tenha afetado vários parâmetros gramaticais simultaneamente, no processo de aquisição, por causa da redução da evidência para várias propriedades sintáticas, que reverterem então para os valores default.

(Galves e Kroch 2016: 499)²⁶

Em Galves (1993), propus o enfraquecimento de Agr como fonte de todas as inovações sintáticas do PB. A ideia central era que, no desenvolvimento da língua no Brasil, o traço “pessoa” da concordância tinha mudado de estatuto, passando de traço semântico com três valores a traço formal binário [+/-], onde o valor [+] corresponderia à primeira pessoa e o valor [-] à terceira pessoa. Da combinação da pessoa binária com o traço de número igualmente binário, emergia o paradigma flexional do verbo em PB, com quatro formas distintas, em lugar de seis no PE²⁷:

Português Brasileiro		Português Europeu	
+ pessoa/ - plural:	- o	Primeira pessoa singular	- o
		Segunda pessoa singular	- s
- pessoa/ - plural:	- ∅	Terceira pessoa singular	- ∅
+ pessoa/+plural:	- mos	Primeira pessoa plural	- mos
		Segunda pessoa plural	-des (em desuso)
- pessoa/+plural:	- m	Terceira pessoa plural	- m

Tabela 5: Os paradigmas flexionais verbais no português brasileiro e europeu.

Fonte: Elaboração própria

Com o abandono da categoria Agr como categoria funcional (Chomsky 1995), outros autores focaram a categoria Tempo, explicando pelo seu caráter “defeituoso” a possibilidade de movimento-A a partir da posição sujeito de orações finitas, como ilustrado em (15):

15 Os meninos_i parecem t_i que fizeram a tarefa.

Ferreira (2009) deriva tanto esse fenômeno, intitulado hiper-alçamento, quanto as propriedades do sujeito nulo, da “incompletude” dos traços-phi de Tempo, que faz com que T finito possa se comportar como T não-finito ou seja, “seja incapaz de eliminar o traço de caso do elemento movido” (Ferreira 2009: 29), forçando assim o sujeito a se mover novamente (cf. Nunes 2020). Para ele, os sujeitos nulos do PB são vestígios de sujeitos deslocados, como no

²⁶ It is even possible, though beyond the scope of this paper to investigate, that some of the parameters that distinguish BP from EP could be merged into a single one via the weakening of morphological marking. Perhaps more likely is the possibility that such weakening, arising out of language contact, affected several grammatical parameters simultaneously via language acquisition, by reducing the evidence for various syntactic properties which then revert to default values. (Galves e Kroch 2016: 499).

²⁷ Note-se que esse paradigma é compartilhado por todos os dialetos brasileiros. O que os distingue é a frequência da variação na concordância (cf. Lucchesi, Baxter e Silva 2009: 348) para a variação na concordância da 3ª pessoa do plural.

hiper-alçamento. A ideia que os sujeitos nulos referenciais não sejam pronomes nulos, mas anáforas (ou seja, categorias nulas ligadas por uma posição A), ou variáveis (ou seja, categorias nulas ligadas por uma posição A-barra) remonta a Figueiredo Silva (1996) e foi desenvolvida em diferentes maneiras por Modesto (2000) e Rodrigues (2002). Para todos esses autores, o fato que os sujeitos nulos do PB se comportam diferentemente das outras línguas românicas pro-drop se relaciona com o enfraquecimento da morfologia verbal, que reflete, ou é refletida por alguma deficiência do complexo T/Agr. A grande questão que reside por trás dessas análises é assim a natureza exata da relação existindo entre morfologia e sintaxe, pouco questionada nos desenvolvimentos recentes da teoria chomskiana. Em Galves (2019b: 144-145), sugiro uma relação entre o enfraquecimento morfológico do paradigma e a parametrização dos traços EPP de T proposta por Avelar e Galves (2011) propondo que dois processos distintos são disponíveis quando Comp entra na derivação: ou bem seus traços-phi são valorados diretamente com o sintagma em Spec-T, ou bem eles são transmitidos para T. No segundo caso, mas não no primeiro, deve haver correspondência, ou seja, concordância morfológica, entre os traços-phi do verbo que está em T e os traços-phi do sintagma em Spec/T. A variabilidade na concordância depende assim tanto da independência de phi dos traços EPP de T quanto de uma morfologia em que a 3ª pessoa do singular corresponde aos valores negativos de pessoa e plural, o que lhe confere indeterminação referencial e capacidade de ser ligada anaforicamente²⁸.

Note-se incidentalmente que a caracterização da posição sujeito (Spec/TP) como A-barra, em decorrência da phi-independência dos traços EPP de T, permite derivar o híper-alçamento, uma vez que o movimento A-barra conta com posições intermediárias não disponíveis para o movimento-A. Prescindimos assim de postular a defectividade de T. Enfim, Galves e Avelar (no prelo), argumentam contra a mudança paramétrica em d. propondo uma solução alternativa para a questão do caso em (13)-(14).

A partir dessas considerações, podemos rever da seguinte maneira a mudança paramétrica sofrida pelo português no Brasil no que diz respeito aos fenômenos morfossintáticos considerados na Seção 2. São dois os parâmetros sintáticos, a perda do movimento do verbo para C, e a perda da dependência de *phi* do traço EPP em T. O primeiro dá conta da perda do fenômeno V2 e de parte da fixação da ordem SV. O segundo dá conta da emergência de fenômenos considerados em muitos trabalhos como derivando da caracterização do PB como língua de tópico e do hiperalçamento. A isso se acrescentam duas mudanças de natureza morfológica. A primeira é a reanálise da flexão verbal, que afeta a natureza do sujeito nulo, e os fenômenos associados como a chamada inversão “românica”, além de tornar a concordância verbal variável. A segunda é a reorganização do sistema dos pronomes, que envolve a reanálise dos pronomes clíticos de primeira e segunda pessoa. Sugeri aqui que tal reanálise era responsável pelas mudanças na sintaxe dos clíticos, ou seja, na sua posição e no fenômeno da reduplicação clítica. Enfim, podemos atribuir a um parâmetro prosódico a perda da restrição do clítico em primeira posição.

Note-se que obtemos um quadro que se situa a meio caminho da proposta holística de Galves (1993) e da proposta mais atomizada de Galves e Kroch (2016). Continuam sendo cinco parâmetros mas, além de dar conta de mais fenômenos (como a variação entre concordância e não concordância e a reduplicação clítica), a hipótese sobre divisão do trabalho entre a sintaxe e a morfologia está mais explícita. A formulação em termos de compatibilidade entre sintaxe e morfologia tem também a vantagem de não engessar a relação entre os dois níveis na arquitetura

²⁸ Num texto muito antigo (Galves 1983), eu argumentava que o elemento de concordância da flexão verbal em PB era equivalente a PRO.

da gramática, e deixa mais espaço para articular os resultados da mudança com as forças que a impulsionaram. É o que veremos na próxima seção, a respeito do papel do contato

4. O PAPEL DO CONTATO NA MUDANÇA SINTÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A multiplicação, ao longo dos anos 2000, de trabalhos mostrando a influência das línguas africanas sobre a gênese do português brasileiro se deveu a vários fatores²⁹. Dentre deles, vale mencionar a produção de conhecimento sobre o português falado e escrito nos países africanos (cf. Alvarez-Lopez *et al.* 2018), bem como a ampla literatura sobre a sintaxe comparada das línguas bantus. Frente à convergência entre os fenômenos observados no português falado de cada lado do Atlântico, bem como às semelhanças com características sintáticas das línguas africanas do grupo bantu, e ainda com base em pesquisas da história social da língua enfatizando o papel dos africanos escravizados no Brasil na disseminação do português pelo território brasileiro (Mattos e Silva 2004), acumularam-se as evidências do papel do contato com as línguas africanas na emergência de uma nova vertente, ou nova gramática, da língua. São múltiplos os aspectos dessa influência, e não há espaço aqui para evocá-los todos³⁰. Dois comentários, porém, são importantes para caracterizar as abordagens recentes em comparação com a discussão clássica sobre o assunto. Primeiro, a questão da presença ou da ausência de um processo de criouliização no desenvolvimento do PB deixou de ser essencial na argumentação a respeito do papel dessas línguas na formação da língua³¹. Segundo, e de maneira relacionada, a questão de perda de concordância nominal e verbal perdeu a centralidade absoluta que tinha na discussão, abrindo espaço para a análise de muitos outros fenômenos morfossintáticos suscetíveis de trazerem a marca do contato³². Focarei aqui um deles, apresentado e discutido nas seções anteriores, em que se faz particularmente presente a marca das línguas africanas. E discutirei de que maneira se pode conjugar contato e teoria de parâmetros.

O fenômeno é aquele ilustrado nos exemplos (13) e (14), em que um sintagma locativo ou genitivo se move para a posição pré-verbal e desencadeia concordância com o verbo. Como enfatizado em vários trabalhos de Juanito Avelar, essa construção tem um exato paralelo nas línguas do grupo bantu, como se pode verificar na em (16), na língua bantu lubukusu, onde o prefixo locativo no sintagma pré-verbal é copiado no verbo. Note-se que o sujeito semântico do verbo, em posição pós-verbal, não apresenta nenhuma marca de concordância com o verbo:

- 16 *Mú-mú-siirú mw-á-kwá-mó kú-mú-saala.*
18-3-forest 18s-PST-fall-18L 3-3-tree
 ‘In the forest fell a tree.’

²⁹ O fato de focalizar no efeito do contato com as línguas africanas não significa negar que tenha havido uma influência das línguas indígenas preexistentes à colonização portuguesa. Até onde saiba, porém, não se encontra na literatura um corpo de argumentos intra ou extra-linguísticos equivalentes aos que foram propostos para sustentar a influência das línguas africanas sobre a constituição do português brasileiro. Uma análise sintática assumindo a influência do tupi sobre o português se encontra em Lobato (2006), discutida em Galves (2006).

³⁰ Remeto a Avelar e Galves (2014) para uma argumentação empírica do efeito do contato, e a Alvarez Lopez *et al.* (2018) para uma discussão mais ampla do conceito de continuum afro-brasileiro, proposto em Petter (2009).

³¹ Para uma argumentação de que não houve criouliização no Brasil, cf. Lucchesi (2009).

³² Para uma apresentação e discussão desses fenômenos (cf. Avelar e Galves 2014, Galves 2018c).

Parece legítimo dizer que a semelhança de (13)-(14) com (16)³³ é o efeito de uma transferência de propriedades das línguas bantus, e mais geralmente, da macro-família nigero-congolesa, para o português, da macro-família indo-europeia. Trata-se, portanto, de uma mudança que podemos caracterizar de tipológica, envolvendo, nos termos de Baker (2008) um macro-parâmetro. Pode ser entendido como decorrendo da aprendizagem do português como segunda língua pelos milhões de falantes de línguas africanas, majoritariamente nigero-congolesas, transportados para o Brasil pelo tráfico de escravizados. Os mesmos efeitos foram descritos por Perpétua Gonçalves na aquisição do português por falantes nativos de línguas do grupo bantu em Moçambique (*cf.* Gonçalves 2010).

A questão que se coloca é como podemos integrar esse efeito dentro de uma teoria de parâmetros. Um possível caminho seria sugerir uma mudança na linha de Baker (2008), que propõe os seguintes parâmetros para dar conta da diferença entre as línguas nigero-congolesas e as línguas indo-europeias:

I. O parâmetro da direcionalidade da concordância

Um núcleo funcional F concorda com NP somente se NP c-comanda assimetricamente F. (Sim, línguas nigero-congolesas; Não: línguas indo-europeias)

II. O parâmetro da dependência do caso da concordância

Um núcleo funcional F concorda com NP somente se F valora os traços de caso de NP ou vice versa. (Não: línguas nigero-congolesas; Sim: línguas indo-europeias)

(Baker 2008:155)³⁴

Desse ponto de vista, o efeito do contato seria simplesmente a inversão dos valores desses dois parâmetros fazendo com que o português do Brasil passasse a se alinhar com as línguas nigero-congolesas, ou seja, sofresse uma mudança sintática de natureza tipológica, afetando uma parte de sua gramática.

Em trabalho inédito³⁵, sugiro uma análise alternativa, argumentando que a presença de sentenças como (13) e (14) no português brasileiro não deriva simplisticamente da fixação do parâmetro subjacente a uma frase como (16) em lubusuku. Essa abstração na formulação da mudança paramétrica oblitera processos cognitivos que se dão em dois momentos distintos, caracterizadores da transmissão linguística irregular (Lucchesi 2009). O primeiro momento consiste na aquisição de uma segunda língua, em que aprendizes reanalisam uma língua estrangeira pelo filtro, ou prisma, de sua língua materna. Isso foi magistralmente descrito por Gonçalves (2010), a respeito da aquisição do português por moçambicanos falantes nativos de línguas bantus. É nesse momento que se pode dar ao termo contato uma realidade psicológica, uma vez que duas línguas estão interagindo na mente dos falantes. O segundo momento consiste na aquisição como primeira língua, por gerações subsequentes, dos fenômenos oriundos do contato. Nesse passo, as novas gerações são levadas a fixações paramétricas distintas das gerações anteriores cuja aquisição não tinha sido afetada pelo efeito do contato. É nesse nível que se pode falar em mudança gramatical, ou seja em mudança na fixação de um ou mais

³³ As línguas bantu também tem hiper-açamento como em (15).

³⁴ I. The direction of Agreement Parameter: A functional head F agrees with NP only if NP asymmetrically c-commands F. (Yes: Niger Congo languages; No: Indo-European languages).

II. The Case-Dependency of Agreement Parameter: A head F agrees with NP only if F values the Case feature of NP or vice versa. (No: Niger Congo languages; Yes: Indo-European languages) (Baker 2008:155).

³⁵ “The role of Niger-Congo languages in the genesis of Brazilian Portuguese”, Conferência convidada no DIGs 19, Universidade de Stellenbosch, África do Sul, 5-8 setembro de 2017.

parâmetros. Com base na análise de Avelar e Galves (2011) e Galves e Avelar (no prelo), sugeri então que a existência das frases (13) e (14), introduzidas na língua portuguesa por meio do processo de aquisição do português como língua segunda por falantes de línguas nigerocongolesas, levasse as segundas gerações a fixar negativamente o parâmetro da dependência de *phi* dos traços-EPP de T. Em outras palavras, a independência de *phi* dos traços-EPP de T é o que codifica, na gramática do português, a existência dessas construções. Repetindo, isso não implica que nas línguas em contato com o português, esse mesmo parâmetro seja ativo. É possível que nessas línguas, como proposto por Diercks (2011), e de alguma maneira implicado pelo parâmetro do caso de Baker (2008), o parâmetro afete essencialmente a expressão do caso, o que, segundo Carstens (2011), estaria relacionado com morfologia nominal que as caracteriza, e que justamente não foi transferida para o português. Em relação à análise paramétrica desenvolvida na seção anterior, resta descobrir se a outra mudança sintática mencionada, a perda do movimento de V a C, está relacionada ou se deu independentemente. No estado do nosso conhecimento da história do português no Brasil anterior ao século XIX, não temos ainda elementos de resposta.

Quanto às mudanças morfológicas, elas são sem dúvida em grande parte devidas ao contato, dado a dificuldade da aprendizagem da morfologia de uma língua estrangeira, sobretudo em se tratando de línguas tipologicamente distintas³⁶. Se a análise proposta na Seção 3 para a posição dos clíticos e para a variação na concordância verbal é fundada, elas são também responsáveis por outros aspectos sintáticos.

5. CONCLUSÕES E DESAFIOS

O nosso conhecimento dos caminhos da língua portuguesa no Brasil cresceu muito nos últimos anos graças à produção e exploração de uma quantidade inédita de documentos de diversos tipos e procedências. Mostrei como, graças a isso, a dinâmica de vários aspectos morfossintáticos do português brasileiro pôde ser rastreada nos séculos XIX a XXI, seguindo e aperfeiçoando uma agenda de pesquisa que se delineou no decorrer dos anos 80 do século passado. As descrições mais precisas dos fenômenos e a ampliação geográfica das fontes documentais permitiram apreender melhor as diferenças regionais. Os estudos do português clássico desenvolvidos paralelamente trouxeram também o ponto de partida necessário para a análise do que mudou de fato na gramática da língua e a compreensão de certos caminhos tortuosos da mudança. A base empírica assim constituída começa a ser suficientemente robusta para sustentar explicações abstratas em termos de parâmetros e para integrar também a questão do contato, durante muito tempo ausente das análises formais. Estamos agora metodologicamente e teoricamente aparelhados para recuar no tempo. Mas os desafios vão aumentando, uma vez que cada vez mais nos depararemos com uma sociedade “partida” (Lucchesi 2015), em que a noção de português brasileiro irá perdendo a unidade que podemos lhe dar a partir do século XIX. Como a nossa matéria é a escrita, é muito provável que nela se ocultem os processos pelos quais a língua chegou ao que é hoje. A jornada ainda será, assim, longa e difícil, mas não iremos de mãos vazias, contando com o saber acumulado pelos estudos anteriores, que

³⁶ Cf. Galves (2019c), para uma discussão de como os problemas de grafia dos redatores afro-descendentes da Sociedade Protetora dos Desvalidos apontam para as suas dificuldades em processar a morfologia do português.

nos permitirá fazer novas perguntas, e com grandes corpora eletrônicos, que nos permitirão interrogar quantidades cada vez maior de dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Gilce S. 2009. *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia. [em linha] Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10995/1/Dissertacao%20Gilce%20Almeida.pdf>
- Álvarez-López, Laura, Perpétua Gonçalves e Juanito Ornelas de Avelar. 2018. *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Andrade, Aroldo Leal de. 2020. Construções de tópico marcado no português brasileiro, em *Cuadernos de la ALFAL*, 12 (2): 100-125.
- Antonelli, André. 2011. *Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu*, Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270500>
- Avelar, Juanito Ornelas de. 2018. Sentenças possessivas e existenciais, em: Sônia Cyrino e Maria Aparecida Torres Moraes (orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo, Contexto: 72-149.
- Avelar, Juanito Ornelas de e Charlotte Galves. 2011. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu, em Amanda Costa, Isabel Falé e Pilar Barbosa (orgs.), *Textos Seleccionados: Actas do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*: 49-65.
- Avelar, Juanito Ornelas de e Charlotte Galves. 2014. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro, em *Linguística*, 30 (2): 239-286.
- Baker, Mark. 2008. *The syntax of agreement and concord*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Berlinck, Rosane. 1988. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Dissertação de mestrado, Universidade de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270747>
- Berlinck, Rosane. 2000. Brazilian Portuguese VS Order: a diachronic analysis, em Mary Kato e Esmeralda Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid, Iberoamericana; Frankfurt am Main, Vervuert: 175-194.
- Berlinck, Rosane de Andrade e Izete Lehmkuhl Coelho. 2018. A ordem do Sujeito em construções declarativas na história do português brasileiro, em Sônia Cyrino e Maria Aparecida Torres Moraes (orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo, Contexto: 308-381.
- Carneiro, Zenaide. 2005. *Cartas brasileiras (1809-1907): um estudo filológico-linguístico*, Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270516>
- Carneiro, Zenaide e Charlotte Galves. 2010. Variação e Gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro, em *Revista de Estudos da Linguagem*, 18.1: 7-38.
- Carpani, Marina. 2010. *Sujeito nulo e sujeito pronominal lexical no Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, Relatório de Iniciação Científica, Universidade de Campinas. Inédito.
- Carstens, Vicky. 2011. Hyperactivity and hyperagreement in Bantu, em *Lingua*, 121:721-741.
- Castilho, Célia de Moraes. 2013. *Fundamentos sintáticos do português brasileiro*. São Paulo, Editora Contexto.
- Castro, Ivo. 1994. Para uma história do português clássico, em Inês Duarte e Isabel Leiria (orgs.) *Atas do Congresso Internacional sobre o português, Vol. II*: 135-150.
- Cavalcante, Sílvia. 2018. Mudança na posição do sujeito em cartas pessoais brasileiras: a ordem VS e o estatuto informacional do sujeito, em *Diadorim*, 20: 101-121.
- Chomsky, Noam. 1995. *The Minimalist Program*, Cambridge (MA), The MIT Press.
- Chomsky, Noam. 2001. Derivation by phase, em Kentowitcz, Michael (org.). *Ken Hale: A life in language*. Cambridge (MA), The MIT Press: 1-53.
- Correa, Wilma. 1991. *O objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271030>
- Coroa, Williane. em andamento. A sintaxe da ordem no corpus de cartas e atas produzidas por homens bons da Câmara Municipal de Salvador. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. Inédita.

- Cyrino, Sônia. 1993. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos, em Ian Roberts e Mary Kato (orgs.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*, Campinas, Editora da Unicamp: 163-184.
- Diercks, Michael. 2012. Parameterizing Case: Evidence from Bantu., em *Syntax*, 15.3: 253-286.
- Diniz, Carolina. 2007. Eu te amo você. O redobro de pronomes clíticos sob uma abordagem minimalista. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais. [em linha] Disponível em http://www.lettras.ufmg.br/labval/pdf/eu_te_amo_voce.pdf
- Duarte, Maria Eugênia. 2018. O sujeito nulo no português brasileiro, em Sônia Cyrino e Maria Aparecida Torres-Moraes (orgs.). *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*, São Paulo, Contexto: 26-71.
- Duarte, Maria Eugênia, Gabriela Mourão e Heitor Santos. 2012. Os sujeitos de 3ª. pessoa: revisitando Duarte 1993, em Maria Eugênia Duarte (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*, São Paulo, Parábola: 21-44.
- Ferreira, Marcelo Barra. 2009. Null subject and finite control in Brazilian Portuguese, em Jairo Nunes (org.), *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam, John Benjamins: 17-49.
- Figueiredo Silva, Maria Cristina. 2016. *A posição sujeito no português brasileiro. Frases finitas e infinitivas*. Campinas, Editora da Unicamp.
- Floripi, Simone. 2008. *Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269032>
- Galves, Charlotte. 1983. Algumas diferenças entre português de Portugal e português do Brasil e a teoria de regência e vinculação, em *Anais do "Congresso sobre a situação atual da língua portuguesa no mundo*. Lisboa, ICALP, volume 2: 55-65.
- Galves, Charlotte. 1993. O enfraquecimento de Agr no português brasileiro, em Ian Roberts e Mary Kato (orgs.) *Português brasileiro uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp: 387-403.
- Galves, Charlotte. 2006. Comentários a respeito do artigo: Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil, em *Revista de Estudos da Linguagem*, 14: 49-54.
- Galves, Charlotte. 2015. A ênclise no português clássico. Variação, gramática e uso, em Cristina Figueiredo e Edivalda Araújo. (Orgs.). *Diálogos com Ribeiro. Sobre gramática e história da língua portuguesa*. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia: 61-77.
- Galves, Charlotte. 2018a. Pós-fácio: o retrato da emergência de uma nova gramática, em *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo, Editora Contexto: 441-456.
- Galves, Charlotte. 2018b. Ainda sobre os pronomes do português brasileiro: sintaxe, morfologia e variação, em Alessandro Boechat de Medeiros e Andrew Nevins. (orgs.). *O apelo às árvores. Estudos em homenagem a Miriam Lemle*. Campinas, Pontes Editores: 79-100.
- Galves, Charlotte. 2018c. Theoretical, empirical and methodological approaches for studying the Afro-Brazilian continuum of Portuguese, em Laura Álvarez-López, Perpétua Gonçalves e Juanito Ornelas de Avelar (orgs.): *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*: 17-42.
- Galves, Charlotte. 2019a. V2 in the history of Portuguese, a corpus-based study. Comunicação no 52º Encontro da *Societas Linguistica Europaeae*, Universidade de Leipzig, 21-24 agosto 2019.
- Galves, Charlotte. 2019b. Revisitando a concordância no português brasileiro, em Charlotte Galves, Mary Kato e Ian Roberts (Orgs.). *Português brasileiro, uma segunda viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp: 127-150.
- Galves, Charlotte. 2019c. Pós-fácio: Contato com as línguas africanas e formação do português brasileiro o que: nos dizem as Atas, em Charlotte Galves e Tânia Lobo (orgs.) *O Português Escrito por Afro-Brasileiros no século XIX. As atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos*. Salvador, Edufba: 391-419.
- Galves, Charlotte. 2020. Relaxed V2 in Classical Portuguese, em Rebecca Woods e Sam Wolfe. (orgs.). *Rethinking verb second*. Oxford, Oxford University Press: 368-395.
- Galves, Charlotte, Helena Britto e Maria Clara Paixão de Sousa. 2005. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 4.1: 39-67. Special Issue
- Galves, Charlotte e Alba Gibrail. 2018. Subject inversion in transitive sentences from Classical to Modern European Portuguese: a corpus-based study, em Adriana Cardoso e Ana Maria Martins (orgs.) *Word Order Change*. Oxford, Oxford University Press: 163-178.
- Galves, Charlotte e Anthony Kroch. 2016. Main syntactic changes from a principle-and-parameters view, em Leo Wetzels, Sérgio Menuzzi e João Costa (orgs.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. New York, John Wiley & Sons: 487-503.

- Galves, Charlotte e Juanito Ornelas de Avelar. No prelo. Case and agreement in Brazilian Portuguese: Between Bantu and Romance, em András Bárány, Theresa Biberauer, Jamie Douglas e Sten Vikner (orgs.), *Syntactic Architecture and its consequences: Synchronic and diachronic perspectives. Volume 2: Inside syntax*, Berlin: Language Science Press: 327-357.
- Galves Charlotte e Tânia Lobo. 2019. Os clíticos pronominais, em Charlotte Galves e Tânia Lobo (org.) *O Português Escrito por Afro-Brasileiros no século 19. As atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos*. Salvador, Edufba: 121-174.
- Galves, Charlotte e Maria Clara Paixão de Sousa. 2017. The change in the position of the verb in the history of Portuguese: Subject realization, clitic placement and prosody, em *Language*, 93-1: 152-180.
- Gonçalves, Perpétua. 2010. *A Gênese do português de Moçambique*, Lisboa, INCM.
- Gravina, Aline 2008. *A natureza do sujeito nulo na diacronia do PB: estudo de um corpus mineiro (1845-1950)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269030>
- Gravina, Aline 2014. *Sujeito nulo e ordem VS na história do português brasileiro: um estudo diacrônico-comparativo baseado em Corpus*. Tese de doutorado Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270496>
- Holmberg, Anders. 2010. Null subject parameters, em: Theresa Biberauer, Anders Holmberg, Ian Roberts e Michelle Sheehan (orgs.) *Parametric Variation: Null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge, Cambridge University Press: 88-124.
- Holmberg, Anders. 2015. Verb second, em Tibor Kiss e Artemis Alexiadou (orgs.) *Syntax. Theory and Analysis*, Berlin, Walter de Gruyter: 242–283.
- Kato, Mary e Fernando Tarallo. 2003. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese, em Brigitt Schliebe-Lange, Ingedore Koch e Konstanze Jungbluth (orgs.). *Dialogue between Schools: sociolinguistics, conversational analysis and generative theory in Brazil*. Münster, Nodus Publications: 121-129.
- Lobato, Lúcia. 2006. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil, em *Revista de Estudos da Linguagem* 14: 11-47.
- Lucchesi, Dante. 2009. História do contato entre línguas no Brasil, em Dante Lucchesi, Alan Baxter e Ilza Ribeiro (orgs.): *O português afro-brasileiro*. Salvador, Edufba: 41-74.
- Lucchesi, Dante. 2015. *Língua e sociedade partidada: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto.
- Macedo Costa, Tatiane. 2012. *Um estudo diacrônico das variadas realizações do objeto direto anafórico na imprensa baiana dos séculos XIX e XX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270499>
- Macedo Costa, Tatiane. 2016. *Determinante definidos: um estudo sobre a estrutura dos DPs na história do português*. Tese de doutorado, Universidade de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/322014>
- Machado Rocha, Ricardo. 2011. A reanálise dos clíticos me e te em estruturas de redobro pro- nominal no dialeto mineiro, em *Caligrama*, 6: 105–129.
- Martins, Ana Maria. 2011. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino, em *Estudos de lingüística galega* 3: 83-109.
- Martins, Marco Antonio. 2009. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. [em linha] Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92725/264310.pdf?sequence=1>
- Martins, Marco Antonio. 2018. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro, em: Sônia Cyrino e Maria Aparecida Torres Moraes (orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo, Contexto: 150-209.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2004. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo, Parábola Editorial.
- Mattoso Câmara Jr, Joaquim. 1975. *História e estrutura da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão.
- Medeiros, Carolina Lacerda. 2018. *A sintaxe da ordem no português medieval*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333228>
- Modesto, Marcello. 2000. Null subjects without ‘rich’ agreement, em Mary Kato e Esmeralda Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, Frankfurt am Main, Vervuert Verlag: 147-174.
- Noll, Wolker. 2008. *O português brasileiro. Formação e contrastes*. São Paulo, Editora Globo.
- Nunes, Jairo. 2020. Hiperlçamento em português brasileiro, em *Cuadernos de la ALFAL*, 12 (2): 199-227.

- Pagotto, Emílio. 1992. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270508>
- Pagotto, Emílio. 2011. Ruy Barbosa e a crise normativa brasileira, em Dinah Callou e Afrânio Barbosa (orgs.) *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa: 105-166.
- Paixão de Sousa, Maria Clara. 2004. *Língua barroca: sintaxe e história do Português nos 1600*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270255>
- Pessoa, Marlos de Barros. 2003. *Variação de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife, Brasil*. Tübingen: Niemeyer.
- Petter, Margarida. 2009. O continuum afro-brasileiro do português, em Charlotte Galves, Helder Garmes e Fernando Rosa Ribeiro (orgs.), *África-Brasil. Caminhos da língua portuguesa*, Campinas: Editora da Unicamp: 158-173.
- Pimienta, Penelope. 2013. *La segunda persona de singular en el portugués de Rio de Janeiro Variación en la relación gramatical de Objeto Directo*. Dissertação de mestrado Universidade de Guadalajara. [em linha] Disponível em https://www.academia.edu/9928665/La_segunda_persona_de_singular_en_el_portugu%C3%A9s_de_Rio_de_Janeiro_Variaci%C3%B3n_en_la_relaci%C3%B3n_gramatical_de_Objeto_Directo
- Pontes, Eunice. 1987. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, Pontes.
- Ribeiro, Ilza. 1998. A mudança sintática do português brasileiro é mudança em relação a que gramática?, em Ataliba T Castilho (org.) *Para a história do português brasileiro: primeiras idéias*, São Paulo, Humanitas: 101-120.
- Ribeiro, Priscila Barbosa. 2015. *A ordem na república paulista: língua e sociedade*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. [em linha] Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-20102016-114612/pt-br.php>
- Rodrigues, Cilene. 2002. Morphology and null subjects in Brazilian Portuguese, em David Lightfoot (org). *Syntactic effects of morphological changes*. Oxford, Oxford University: 160-178.
- Scher, Ana Paula. 1996. As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático-comparativo. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. [em linha] Disponível em <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271031>
- Schmitt, Cristina e Charlotte Galves. 2016. Bare nominals in Brazilian and European Portuguese: a historical perspective. Comunicação apresentada no II GETEGRA– Nominals, Recife, 17-18 março 2016.
- Silva, Daniele. 2011. Expressão pronominal do acusativo e do dativo na Segunda pessoa no português brasileiro: Análise de roteiros cinematográficos. MA thesis, Tübingen University. Inedita.
- Souza, Camila Duarte de. 2014. *Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. [em linha] Disponível em <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/3-mestrado/dissertacoes/2014/3-SouzaCD.pdf>
- Tarallo, Fernando. 1983. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, Universidade da Pennsylvania. Inedita,
- Tarallo, Fernando. 1996. Turning different at the turn of the century: 19th Century Brazilian Portuguese, em Gregory R. Guy, Crawford Feagin, Deborah Schiffrin e John Baugh (orgs.), *Towards a social science of language: Papers in honor of William Labov: Variation and change in language and society*, vol. 127: 199-220.
- Torres Moraes, Maria Aparecida e Rosane Berlinck, 2018. O objeto indireto: argumentos aplicados e preposicionados, em Sônia Cyrino e Maria Aparecida Torres Moraes (orgs.). *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo, Contexto: 252-307.
- Wallenberg, Joel e Josef Fruehwald. 2013. Optionality is stable variation is competing grammars. Comunicação apresentada no *25th Scandinavian Conference of Linguistics, Formal Ways of Analyzing Variation (FWAV) Workshop*, Universidade da Islândia.
- Wolfe, Sam. 2019. *Verb Second in Medieval Romance*. Oxford, Oxford University Press.